“Uma espada transpassará tua alma” (Lc 2,35): da fé às dores e das dores à fé

Luan Dantas dos Santos[1]

Resumo

Tomando o relato evangélico da apresentação de Jesus no Templo (Lc 2,22-35), especificamente o trecho no qual Simeão se dirige a Maria, constata-se o uso do termo “espada”, cuja interpretação contribui na formulação da devoção popular da Virgem Dolorosa. A partir do estudo do texto, de sua forma original grega e da comparação com o uso do termo em outros lugares das Escrituras, buscou-se reposicionar o caráter devocional vinculado à tradução. Dessa forma destacou-se a perseverança de Maria na fé como modelo e inspiração de todos os cristãos.

Palavras-chaves: Profecia. Espada. Devocional. Perseverança.

1 Introdução

O Evangelho de Lucas detalha diversos acontecimentos da infância de Jesus, dentre os quais está o relato da sua apresentação no templo (2,22-38). Nessa ocasião, com as palavras do ancião Simeão, é apresentada uma síntese profética da missão de Jesus: após se dirigir a Deus em um ato de louvor com seu cântico (2,29-32), Simeão se volta para os pais do menino e profetiza sobre sua missão decisiva para com seu povo e para com toda a humanidade. Em seguida, voltando-se especificamente para a mãe, avisa que a mesma experimentará uma sensação profunda na própria alma, desdobramento da missão de seu filho.

> [...] Eis que este menino foi posto para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como sinal de contradição - e a ti, uma espada transpassará tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações (Bíblia [...], 2002, Lc 2,34-35, p. 1791).

[1] Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), pós-graduado em Espiritualidade Franciscana pela Faculdade Vicentina (FAVI), e graduando em Teologia (bacharelado) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). *E-mail: luandantas.doc@gmail.com*

A profecia que o evangelista coloca na boca de Simeão e que dá vestígios da missão de Jesus está consequentemente ligada ao sacrifício da cruz. É o que afirma Karris em seu comentário sobre o NT: "Antecipando um grande tema de seu Evangelho, Lucas observa que muitos dos eleitos de Deus rejeitarão Jesus [...]. Nas entrelinhas, Lucas anuncia a cruz" (Karris, 2011, p. 234). Consequentemente, a profecia da espada que transpassaria a alma de Maria foi tomada pela devoção popular e pela vida litúrgica como uma representação da dor maternal na hora do calvário. O dia que a Igreja celebra a memória litúrgica da Virgem Dolorosa, um dia após a festa da Santa Cruz, traz estes versículos da profecia de Simeão (2,34-35) como antífona de entrada da celebração eucarística, o que reforça a concepção dolorosa do anúncio que Simeão fez a Maria.

Contudo, uma leitura atenta ao texto, levando em consideração os termos no original grego, abre espaço para uma forma de interpretação totalmente diferente. Diante disso, esse trabalho buscará a leitura exegética da profecia de Simeão, especificamente no que diz respeito à experiência da Virgem Maria, e a partir daí, o reposicionamento do texto na devoção popular e sua contribuição mariológica.

2 O termo "espada" e seu significado no contexto do Novo Testamento

O termo "espada" na língua portuguesa, grosso modo, configura uma arma branca de lâmina comprida. Consequentemente a tradução para este termo direciona qualquer leitor do relato lucano à compreensão metafórica de algo que causa dor naquela que por ela foi atingida. Contudo, o termo "espada" tem duas variantes na língua original do texto, o grego antigo: *machaira* (*μαχαιρα)*, mais comum para a indicação da arma; e romfaia (ρ*ομφαια),* usado na profecia e ao qual este trabalho se deterá.

> A tradução 'espada' corresponde a dois termos gregos diferentes: *ομφαια*[sic] (utilizado por Lucas nessa profecia) e *μαχαιρα*. O termo 'espada- ομφαια[sic] só aparece no Novo Testamento, além do texto que estamos analisando, no apocalipse (Paredes, 2011, p. 113).

No Livro do Apocalipse, o termo *romfaia (*ρ*ομφαια)* refere-se à espada de dois gumes que sai da boca do Messias Glorioso (1,16). Nesse contexto, a espada

parece está ligada à palavra que sai da boca do Messias e traz consigo consequências: "*de sua boca saía uma espada afiada, com dois gumes*: a palavra de Deus traz consigo a espada afiada da ordem de Deus" (Yarbro Collins, 2011, p. 844).

É salutar ainda pontuar que nas Sagradas Escrituras o uso dos termos que se traduzem como espada não assume o significado de dor. Quando esse significado precisa ser expressado são usados os termos "lágrimas" ou "pranto". Resta então a necessidade de constituir um sentido ao uso simbólico do termo *romfaia (*ρομφαια*)/*espada*.*

Observando o uso no Livro do Apocalipse e no contexto das palavras de Simeão é possível supor sua inspiração no uso do mesmo termo no profeta Ezequiel (14,17)[2]. No texto, o profeta apresenta a espada como "[...] discriminação da qual Deus se serve para dividir seu povo em duas partes: os que cairão e os que formarão o resto dos sobreviventes" (Paredes, 2011, p. 112).

O mesmo aponta Reumann ao afirmar que:

> Lucas pode estar pensando na espada de um juízo discernidor, que separa os bons dos maus (a 'queda e soerguimento' de 34c) a que Maria também estará sujeita, para que se manifeste se seus pensamentos são os de uma pessoa de fé, ou são os pensamentos hostis (dialogismoi) dos que falam contra o sinal oferecido por Jesus (Reumann, 1985, p.169).

Dito isto, está posta uma nova interpretação acerca da profecia feita por Simeão à Virgem Mãe. Aquilo que lhe foi dirigido subjetivamente está diretamente ligado ao que foi profetizado sobre a missão do seu filho. Ela, também seria submetida à espada, ao discernimento que dividiria os justos dos injustos, que provaria sua fé mais uma vez.

Em que momento se daria essa provação? Este discernimento se concretizou em que momento na vida daquela mulher? Desde cedo, ela experimentava em sua vida a ação sobrenatural, havia então espaço para regressão na fé?

O messias veio e se colocou diante do povo escolhido, anunciou a plenitude

[2] Se tratando de um escrito do Antigo Testamento é preciso recordar que o termo grego *romfaia* (ρομφαια) não foi empregado, pois o escrito foi redigido originalmente em hebraico. Contudo, ambos os termos são traduzidos como espada.

dos tempos, ensinou a vivência correta da lei, curou enfermos e endemoniados. Muitos foram os milagres e muitos foram os ensinamentos. Diante disso, muitos em Israel acreditaram, enquanto outros o rejeitaram. As palavras de Simeão, carregadas de escatologia, afirmam que aqueles que creram se ergueram, enquanto aos demais coube a queda.

Maria acompanhou seu filho em sua missão. Esteve ao seu lado e acreditou na promessa recebida no dia da visita do anjo. Maria é parte de Israel, e como tal, precisa aprender a caminhar fielmente entre as intempéries e os obstáculos que se apresentam diante do seguimento de seu filho. "Com a figura de uma espada atravessando a alma de Maria, Lucas descreve presumivelmente o difícil processo de ela aprender que a obediência à palavra de Deus transcende os laços familiares" (Reumann, 1985, p. 170). A mãe precisou olhar para seu filho e ver seu salvador, e nesse caminho, perseverar na fé.

3 A devoção à Virgem Dolorosa e sua conexão com a profecia de Simeão

Após a morte e ressureição de Jesus, sua mãe permaneceu com seus apóstolos como Lucas nos dá a entender nos Atos dos Apóstolos (1,14). Tal informação é compreensível tendo em vista que Maria fez o caminho que a tornou discipula de Cristo. Ela, que anteriormente compunha a nação escolhida de Israel, agora era parte do Corpo Místico de Cristo. No entanto sua presença nos textos sagrados não é mais relatada, exceto em alguma citação indireta como a de São Paulo aos Gálatas (4,4)[3]. Não há então indícios de uma exaltação a Maria no período apostólico. Schillebeeckx afirma que a vida direcionada ao Cristo está implicitamente ligada ao culto de seus santos, cuja santidade provém do próprio Cristo. Se assim o for, todos os cristãos estão ligados à Santa Maria. Neste sentido:

> [...] a vida cristã já é em si, e de maneira particular, uma devoção mariana. Daí compreendemos porque S. Paulo e os primeiros cristãos não deixaram traço em sua vida de uma devoção para com

[3] A citação dos Atos dos Apóstolos e da Carta aos Gálatas tem por objetivo a demonstração da escassa presença de Maria nos escritos do Novo Testamento, embora estivesse sempre presente. Sabe-se que a Carta é cronologicamente mais antiga que o relato Lucano dos Atos.

> Maria, assim como praticamos hoje em dia. Uma devoção mariana explícita pressupõe parcialmente a evolução dogmática do ministério mariano; embora a estima mais ou menos obscura que as primeiras cristandades tinham por Maria fosse a grande força latente de onde deveria, através dos tempos, surgir a elaboração do dogma Mariano (Schillebeeckx, 1968, p. 94-95).

De fato, ainda nos primeiros séculos do cristianismo a reflexão mariológica começou a se desenvolver como desdobramento da cristologia. A virgindade de Maria e o título de *Theotokos* surgem como os primeiros dogmas marianos, diretamente ligados à doutrina da fé Cristã. Nesse sentido, "a devoção mariana é um verdadeiro culto, e não apenas uma devoção, como a que podemos ter para com um santo [...]. Situa-se num plano mais elevado em razão do excepcional lugar de Maria na ordem da graça e da vida cristã" (Schillebeeckx, 1968. p. 95).

A presença do culto mariano na vida dos crentes no decorrer dos séculos se diversificou e deu origem a diversas devoções, que trouxeram características específicas da vida e dos gestos da Mãe de Deus. A devoção à Virgem Dolorosa, que tem como plano de fundo a imagem trazida pelo evangelho de João, na qual Maria aos pés da Cruz acompanha a agonia de Cristo (19,25-27).

Essa popular devoção a Nossa Senhora das Dores traz consigo a meditação das sete dores de Nossa Senhora. Trata-se no imaginário popular das sete espadas encravadas no peito da Virgem Senhora. Cada dor traz a meditação de um momento da vida de Maria, atestado nas Sagradas Escrituras ou em textos apócrifos. As sete dores são: A profecia de Simeão sobre Jesus; A fuga da Sagrada Família para o Egito; O desaparecimento do Menino Jesus durante três dias; O encontro de Maria e Jesus no caminho do Calvário; O sofrimento e morte de Jesus na Cruz; a descida do corpo de Jesus que foi colocado no colo de Maria; e, o sepultamento dele.

Como dito anteriormente, a liturgia do dia em que se celebra a memória de Nossa Senhora das Dores traz a profecia de Simeão como antífona de entrada da celebração eucarística. É indutiva, então, a ligação entre a espada citada por Simeão e as dores que a missão de Jesus trouxe ao coração de sua mãe. Até o uso das sete espadas da iconografia do título mariano pressupõem isso. Em contrapartida, como já foi apresentado, o termo usado na profecia está mais ligado ao processo de discernimento da fé do que ao sentimento de dor, ao qual a liturgia e a devoção

levam o leitor. Para resolver essa questão, há de se buscar um meio termo: uma hermenêutica que, distanciando-se de uma leitura superficial da profecia de Simeão, reproponha a tradição popular a partir do que o texto realmente visa apontar.

Nesse intento, a reinterpretação das sete dores/espadas citadas, compreendidas como momentos nos quais a Virgem, diante da adversidade, se manteve fiel a promessa feita a seu povo, aplicaria à devoção, o sentido que foi apresentado para o termo *romfaia (ρομφαια).*

Primeiro as dores/espadas presentes nos relatos da infância de Jesus. Maria ouviu o anúncio de Simeão e, embora não o compreendesse, o acolheu, meditando sobre as palavras sem desesperar-se e aguardando o tempo em que essas coisas se realizariam. Neste sentido, a profecia que informava sobre a experiência a ser vivida já era, ela mesma, aquilo que anunciava.

A segunda dor/espada aponta para a fuga ao Egito, algo contraditório quando se leva em conta a promessa feita pelo anjo (Lc 1, 32-33). Contudo Mateus, ao narrar o fato, não demostra qualquer reação adversa no seio da família. Mais uma vez a dificuldade é enfrentada.

Por fim, Jesus, aos doze anos deixa seus pais preocupados ao não aparecer no cair da noite de um dia de peregrinação. Seus pais o encontram três dias depois. Maria questiona o jovem sobre sua atitude e a resposta dele é inquietante. O trecho que se segue evidencia a atitude daquela mulher: "Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração" (Bíblia Jerusalém, 2002, Lc 2,51b).

As outras quatro dores/espadas de Maria meditadas pela piedade popular aconteceram no momento da paixão de Cristo. A mãe já havia presenciado a missão do filho e seus grandes feitos. Já não era a jovem que acatou o anúncio miraculoso do anjo, mas agora, já havia trilhado o caminho do discipulado de Jesus. Se o Cristo, por sua missão, se tornava sinal de contradição perante muitos do povo escolhido, Maria já caminhava com aqueles que acolhiam suas palavras e por elas guiava sua vida. Contudo, tanto ela quando os demais discípulos ainda seriam testemunhas do ápice da missão do Cristo.

A quarta e a quinta dor/espada estão bastante próximas entre si. São etapas

do sacrifício de Cristo. Maria presencia o caminho ao calvário, a agonia final e por fim a morte do messias na cruz. Como discípula, perdia o mestre, e como mãe, perdia o filho. Restava uma mulher desvalida. Todavia, o Evangelho de João narra o último dialogo do Messias/Filho com a Discipula/Mãe (19,25-27). Embora pareça ser um momento final, onde apenas o presente parecesse ser importante, o diálogo trata do futuro daquela que não ficaria só. Aquela mulher acompanhou seu mestre e não o abandonou. Naquele momento, a grande maioria dos discípulos fugiu, mas ela perseverou em tudo.

Nas duas últimas dores/espadas Maria já perdeu tudo. Há um corpo frio e imóvel sendo posto em seus braços e depois sendo sepultado. Onde estaria a esperança? E as promessas feitas por meio de tantos profetas e por meio do anjo? Tudo acabou. Não havia mais filho ou mestre. Ainda assim, junto àqueles que foram escolhidos Maria esperou. A Igreja dispersada no sacrifício se reuniria fragilizada para acolher os sinais da ressureição e se reedificar. Maria perseverou.

4 Considerações finais

Diante de todo esse percurso, a Virgem Dolorosa se apresenta como uma mulher que fez o seu caminho mistagógico e, passo por passo, se manteve fiel à promessa de Deus. Como visto, a fé que motivou o "[...]faça-se[...]" (Bíblia Jerusalém, 2002, Lc 1, 38) trouxe a ela um caminho de dores, ou melhor dizendo, um caminho cheio de testes de perseverança, nos quais ela não fraquejou.

Nossa Senhora das Dores é na verdade Maria de Nazaré. Como todos os outros títulos atribuídos a ela, o essencial no culto devocional a Maria é ter consciência da mulher que viveu a escola da fé em sua vida. Que ouviu as palavras de Jesus refletiu suas ações e acolheu sua missão perante toda a humanidade. É a criatura que se abriu ao criador, a Israel que acolheu o Messias, a pessoa que abriu sua subjetividade ao modelar de Deus. Nas palavras de Cristo, a terra boa onde a semente deu frutos (Lc 8,4-8), o trigo bom separado do joio (Mt 13,24-30) e uma das virgens que guardou o azeite de sua lamparina (Mt 25,1–13).

Os cristãos têm nela um modelo de fé. Assim as devoções marianas, como a de Nossa Senhora das dores, se apresentam como um dom da Igreja que, refletindo

e rezando, encontram formas de perseverar na fé e compor a verdadeira nação escolhida de Deus. "Depois que a Igreja tomou claramente consciência do papel de Maria, todas as vidas dos santos nela se inspiraram" (Schillebeecky, 1968. p. 97).

O que foi profetizado a Maria pelo devoto Simeão foi o destino de todos que se colocam no caminho de seguimento ao Messias de Deus. A *romfaia (ρομφαια)/espada* que se ergueu sobre o Israel de Deus, se ergue sobre todos os Cristãos. Que a devoção a Maria, Virgem dolorosa, seja exemplo de como perseverar na fé.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

PAREDES, J. C. R. G. **Mariologia:** síntese bíblica, histórica e sistemática. 3.ed. Ave-Maria, 2011.

KARRIS, R. O Evangelho segundo Lucas. In: BROWN, R. E..; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Org). **Novo comentário bíblico São Jerônimo:** Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2011, p.217-308.

REUMANN, J. Maria no Evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos. In: BROWN, R. E. (Org.). **Maria no Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1985.

SCHILLEBEECKX, E. **Maria, mãe da redenção**: linhas mestras religiosas do mistério mariano. 2. ed. rev. e corr. Petrópolis: Vozes, 1968.

YARBRO COLLINS, A. Apocalipse. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Org). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2011, p. 835-874.